



RACIOCINAR GEOGRAFICAMENTE ATRAVÉS DO CONTO “A CURA”, DE AMILCAR BETTEGA BARBOSA¹

Jéferson Soares Morais²

RESUMO

Esse trabalho é um exercício para pensar como o diálogo entre a Geografia e a Literatura pode potencializar o pensamento geográfico no âmbito pedagógico, objeto de minha pesquisa no mestrado. Foi selecionado um conto a ter sua textualidade geográfica analisada, com o objetivo de produzir uma abordagem pedagógica que pudesse exercitar a análise geográfica, utilizando os meios que a Geografia utiliza para ler o mundo. Buscamos em Edgar Morin o método do paradigma da complexidade como o ponto de partida filosófico para compreensão do mundo em toda a sua complexidade. A metodologia se baseia em uma análise do conto com base no raciocínio geográfico e nos conceitos de paisagem, território e espaço geográfico. O conto selecionado foi “A cura”, do livro “Deixe o quarto como está: estudos para a composição do cansaço”, de Amílcar Bettega Barbosa. A análise da obra indicou ser possível explorar os princípios do raciocínio geográfico bem como os conceitos geográficos dentro dos limites da BNCC – que é a referência curricular adotada no país atualmente. O conto, além de garantir uma ampla reflexão sobre a realidade, possui um potencial a ser explorado pedagogicamente para dialogar com o raciocínio e os conceitos geográficos e também para discutir questões que permeiam o cotidiano atual, através de uma narrativa marcada pelo fantástico e irreal.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Literatura, Complexidade.

RESUMEN

Este trabajo es un ejercicio para reflexionar sobre cómo el diálogo entre Geografía y Literatura puede potenciar el pensamiento geográfico en el ámbito pedagógico, objeto de mi investigación en el Máster. Se seleccionó un cuento para analizar su textualidad geográfica, con el objetivo de producir un enfoque pedagógico que pudiera ejercitar el análisis geográfico, utilizando los medios que utiliza la Geografía para leer el mundo. Buscamos en Edgar Morin el método del paradigma de la complejidad como el punto de partida filosófico para comprender el mundo en toda su complejidad. La metodología se basa en un análisis del cuento a partir del razonamiento geográfico y los conceptos de paisaje, territorio y espacio geográfico. El cuento seleccionado fue “A cura”, del libro “Deixe o quarto como está: estudos para a composição do cansaço”, de Amílcar Bettega Barbosa. El análisis del trabajo indicó que es posible explorar los principios del razonamiento geográfico así como los conceptos geográficos dentro de los límites del BNCC, que es la referencia curricular adoptada en el país en la actualidad. El cuento, además de asegurar una amplia reflexión sobre la realidad, tiene potencial para ser explorado pedagógicamente para dialogar con razonamientos y conceptos geográficos y también para discutir temas que impregnan la vida cotidiana de hoy, a través de una narrativa marcada por lo fantástico e irreal.

Palabras clave: Enseñanza de Geografía, Literatura, Complejidad.

¹ Artigo como um dos produtos da pesquisa em ensino de Geografia e Literatura desenvolvida no mestrado, com bolsa CAPES.

² Mestrando na área de Ensino de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, jeferson.soares.morais@hotmail.com;



INTRODUÇÃO

Esse trabalho é um exercício para pensar como o diálogo da Geografia com a Literatura pode potencializar o pensamento geográfico no âmbito pedagógico, objeto de pesquisa desde a graduação, quando abordei o conteúdo geográfico presente no livro *Capitães da Areia*, de Jorge Amado (MORAIS, 2021). Atualmente no mestrado, mantenho o interesse pela relação entre Geografia e Literatura, entretanto, além de enxergar o conteúdo geográfico presente em uma obra literária, o objetivo deste trabalho não é apenas utilizar a Literatura como um recurso, mas sim estabelecer um diálogo em busca da geograficidade³ que a obra pode despertar. Esse artigo então faz parte deste processo para entender como esse diálogo interdisciplinar pode ser aplicado, se tratando de um exercício teórico e metodológico com o intuito de aprimorar tanto a habilidade em enxergar a Geografia nos textos literários quanto para estruturar uma proposta a ser utilizada em sala de aula. Para esse artigo foi estabelecido o objetivo de organizar uma atividade pedagógica que vise estimular o raciocínio geográfico a partir da leitura de um texto literário. O que move nossa pesquisa - além do gosto pessoal pela Literatura - é entender que além da linguagem mais atraente, ou das histórias servirem como ótimos exemplos para facilitar o entendimento sobre um conteúdo de Geografia, a arte transcende a comunicação objetiva - típica das ciências - e explora o campo subjetivo. Justamente por não separar a subjetividade de seu objeto⁴, permite afetar sensivelmente os sujeitos de uma maneira mais intensa, propiciando um olhar diferente para determinada situação ou assunto, logo, estimula um maior envolvimento dos alunos e potencializa as discussões que perpassam o nosso cotidiano, a partir de um olhar geográfico.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para pensar como se dá o diálogo da Geografia com a Literatura e como essa relação pode potencializar o pensamento geográfico - inclusive sendo utilizado em sala de aula - a pesquisa foi baseada em trabalhos como o de Marandola jr. e Oliveira (2009) sobre a geograficidade e a espacialidade presentes no texto literário; Ferraz, Chaveiro, Nunes e Suzuki (2016) que sistematizam trabalhos com a temática do diálogo entre Geografia e Literatura,

³ “A geograficidade diz respeito aos laços de cumplicidade que o homem estabelece com o meio, trazendo para o campo de interesse do geógrafo a afetividade, os sentimentos, a emoção e o complexo sistema de significações que o conhecimento intuitivo e perceptivo implicam.” (MARANDOLA JR. e OLIVEIRA, 2009, p. 494).

⁴ É concordando com esse argumento, que mantemos nossa escrita em 1ª pessoa, já que esse trabalho parte de mim e toda a subjetividade que me envolve.



servindo portanto como uma referência metodológica; Ruy Moreira, que em seu livro “Pensar e Ser em Geografia” (2008), separa um capítulo para falar sobre a riqueza de informações geográficas presentes na Literatura; Suertegaray (2020) que propõe discutir como a Literatura contribui para pensar o mundo e para a construção das identidades; Moraes e Callai (2002) discutem a utilização da Literatura como forma de potencializar o ensino de Geografia. Em relação à contextualização da obra, utilizo uma entrevista de Sanseverino (2020) ao jornal da UFRGS, sobre a obra escolhida.

Para a construção da proposta, utilizo a BNCC (BRASIL, 2017) como modelo curricular vigente, em que as habilidades e as competências - assim como a ideia de raciocínio geográfico que está presente na base – darão o respaldo para a proposta ser aplicada em qualquer instituição brasileira. Busco em Castellar (2019) a importância do raciocínio geográfico para a aprendizagem e me baseio em Moreira (2008) e Santos (2006) para organizar os princípios, categorias e conceitos que estruturam o raciocínio geográfico e que guiarão o diálogo entre Geografia e Literatura. O conceito de território, que será central na atividade proposta, tenho em vista a narrativa que o conto apresenta, terá como base um artigo de Rogério Haesbaert e Esther Limonad (2007), em que eles desenvolvem uma percepção do território em três dimensões: a jurídico-política; a econômica e a cultural. Ainda sobre a construção da proposta pedagógica, utilizo as referências de Frison (2016) para pensar estratégias de aprendizagem que estimulem a autonomia dos alunos no próprio processo cognitivo.

O diálogo da Geografia com a Literatura: possibilidades para o raciocínio geográfico

É consenso que a Geografia é uma ciência que não só possui facilidade para dialogar com outras disciplinas, como também se apropria do conhecimento construído em áreas como a biologia, a sociologia, a história ou economia (CRAVIDÃO; MARQUES, 2000) para compor sua leitura de mundo. Isso se deve à característica que o seu objeto de estudo – o espaço geográfico - que “[...] é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2006, p. 39). Ou seja, o conceito de espaço geográfico se refere a uma totalidade. Pensando o conhecimento como algo complexo, ou seja, conectado, Morin (2000) acaba sendo uma referência filosófica em que nos baseamos para nossa leitura do mundo como uma totalidade complexa – concordando com a noção de



espaço geográfico de Santos (2006) – e que permite compor com os conhecimentos já produzidos pela Geografia através dos princípios que ele estabelece. Trazemos Morin justamente porque ele compreende o conhecimento de uma maneira alternativa a que estamos acostumados a lidar, com toda a fragmentação, segregação e simplificação do conhecimento, características do método científico cartesiano difundido a partir da modernidade. Para organizar essa oposição, Morin (2000) utiliza o paradigma da complexidade, que se trata de uma análise qualitativa estruturada em princípios que concebem o conhecimento como algo complexo. A ideia de propor o diálogo entre a Geografia e a Literatura segue justamente essa lógica, onde entendemos que a conexão interdisciplinar pode potencializar o exercício do conhecimento geográfico, a partir da análise geográfica de situações relacionadas à narrativa. Mas, se compreendemos o conhecimento como algo conectado e nos propomos a pensar fora das caixas disciplinares, porque então dissociamos a Literatura da Geografia conforme o método cartesiano?

A resposta se dá porque a complexidade não propõe ignorar e abandonar toda produção científica anterior, por mais que existam discordâncias com a lógica utilizada. Morin (2000) afirma que sua maneira de pensar o conhecimento não anula a produção anterior ou as produções com métodos diferentes, então utilizá-las em conjunto - dentro dos princípios da complexidade – pode ser interessante para se avançar na interpretação do mundo e consequentemente na produção do conhecimento. As disciplinas com modos de leitura do mundo e epistemologias diferentes, quando associadas, permitem uma aproximação mais complexa da realidade. Mas quais os pontos de convergência entre as duas disciplinas?

Assim como Moraes e Callai (2002), entende-se que uma das possíveis conexões entre os dois campos do saber se dá pelo campo do imaginário, ou seja, do âmbito da imaginação, envolvendo a subjetividade dos sujeitos e a maneira como pensam e agem no mundo. Gomes (2008) entende por imaginário:

Os conceitos e ideias que organizam nossas formas de pensar, apreciar e compreender objetos e fenômenos, e nessa organização os ingredientes fundamentais são o raciocínio e a lógica. Portanto, acreditamos que a racionalidade está presente no imaginário e é ela, aliás, que permite, autoriza e legitima a interpretação que fazemos” (GOMES, 2008, p. 197).

Segundo Gomes (2008), toda racionalidade humana está presente no imaginário e vai basear toda nossa interação com o espaço. Mas como esse imaginário é construído? Kozel



(2008) enfatiza que toda a construção de sentido que o ser humano desenvolve para lidar com a realidade se dá ao longo de sua vivência através das inter-relações sociais, oriundas da comunicação. Podemos dizer então que toda nossa apropriação geográfica do mundo se dá pelas significações construídas ao longo do tempo, utilizando as ferramentas geográficas, para entender o espaço em que vivemos. Da mesma forma, a Literatura fala sobre a condição humana através da comunicação. O que sustenta as tramas são as relações humanas. A diferença principal entre a Geografia e a Literatura, é que a Literatura não tem uma obrigação com a verdade, com a realidade nem com o rigor científico, ela possui em sua epistemologia liberdade estética para criar universos paralelos que sustentarão a trama. Entretanto, o ser humano literário é baseado no ser humano real e fala sobre a sua condição. Toda narrativa necessita de um espaço para ocorrer e esse espaço vai ser construído baseado em características de espaços reais, pois é a nossa referência. Por essa liberdade, a Literatura ela tende a explorar muito mais o campo subjetivo, entendendo como uma forma de expressão dos sentimentos e o modo (que é espacializado) dos autores pensarem o mundo, assim como a tocar o leitor, no mesmo âmbito, o da emoção, dos sentimentos, que aliados à sua vivência, contribuirão com a sua forma de enxergar a realidade. Por isso o conceito de Geograficidade é bastante pertinente para pensarmos a relação da Geografia com a Literatura, já que envolve a geograficidade de quem expressa e comunica sua visão de mundo ao leitor, que irá interpretar o texto - a partir da sua própria geograficidade – podendo ou não ser influenciado pelas ideias do autor.

Por esse imaginário, portanto, que enxergamos na Literatura um potencial para discutirmos o mundo, utilizando ferramentas geográficas para analisar e conectar a ficção à realidade, entendendo-a como uma expressão e também como uma constituidora de identidades (SUERTEGARAY, 2020).

METODOLOGIA

O método que sustenta esse trabalho é o paradigma da complexidade de Morin (2000) que tem como objetivo unir, contextualizar, globalizar o conhecimento e aceitar que as verdades são provisórias, ou seja, lidar com a incerteza (Morin, 2000).

O desenvolvimento do trabalho se dará em quatro tópicos: primeiro abordo o método da complexidade de forma resumida. Um segundo tópico será para contextualizar a obra que utilizo para essa proposta, sendo apontadas as suas principais características passíveis de ser



discutidas em aula associadas ao conhecimento geográfico. O terceiro tópico indicará o conto selecionado para o trabalho e a análise de sua textualidade geográfica, indicando de que maneiras podemos exercitar o raciocínio geográfico e estabelecer conexão com os conceitos. No quarto e último tópico, trago uma proposta pedagógica como exemplo de abordagem que a geografia pode fazer através do uso de uma obra literária em sala de aula. A atividade foi pensada para o 8º ano do Ensino Fundamental, seguindo a lógica dos conteúdos, competências e habilidades de acordo com a BNCC (BRASIL, 2017) capazes de serem discutidos através da obra, indetificados na leitura do conto. Pensamos numa atividade simples, que possa ser aplicada em qualquer escola do país, mas que se propõe capaz de trabalhar com o imaginário dos sujeitos. Além disso, atividade seguirá a lógica do processo de autorregulação da aprendizagem que Frison (2016) estrutura em três fases: antecipação da aprendizagem, que é a fase de planejamento e definição dos objetivos; a execução e, por fim, a autorreflexão do aprendiz.

O paradigma da complexidade de Edgard Morin como método de análise

O Paradigma da Complexidade é um método que objetiva potencializar o conhecimento humano partindo do pressuposto de que o mundo que habitamos é um espaço complexo. O paradigma se estrutura em sete princípios fundamentais que orientam a maneira de enxergarmos o mundo e agirmos sobre (e com) ele. A ideia do trabalho não é aprofundar a teoria de Morin, mas utilizar três dos sete princípios para a leitura do conto e para a construção da proposta pedagógica, identificando pontes para dialogar com o conhecimento geográfico. Os princípios escolhidos são destacados e resumidos a seguir:

- Princípio hologramático: assim como o holograma que em um único ponto contém a informação completa de um objeto a ser representado (MORIN, 2000), o autor entende que “não somente a parte está no todo, mas o todo se inscreve na parte” (MORIN, 2000, p. 32). O exemplo que melhor caracteriza é o da relação indivíduo (parte) sociedade (todo). Assim como o indivíduo está inserido na sociedade, a sociedade inteira está inscrita no indivíduo, através da cultura, da linguagem e das normas que ele reproduz (MORIN, 2000).

- Princípio do círculo recursivo: seguindo a ideia da circularidade, o princípio da recursividade estabelece que ao mesmo tempo a causa produz um efeito e é produzida por esse efeito. Um exemplo bastante prático citado pelo autor, é pensar o indivíduo e a sociedade. Ao mesmo tempo que o indivíduo produz a sociedade, ele é produzido por ela, já que toda sua



concepção de mundo é estabelecida por relações sociais (MORIN, 2000). A diferença do princípio recursivo para o retroativo, é que o recursivo atua de maneira mais intensa do que o retroativo.

- Princípio dialógico: “a dialógica permite assumir racionalmente a associação de noções contraditórias para conceber um mesmo fenômeno complexo” (MORIN, 2000, p.34). Ou seja, diferente da dialética, que tende a separar o que é contraditório, a dialógica entende que é importante sabermos organizarmos o conhecimento assumindo as contradições, pois elas não são excludentes entre si. Morin (2000) cita como exemplo o próprio ser humano, que é ao mesmo tempo uno (como espécie ou sociedade) e múltiplo (como indivíduo ou sujeito). Unidade e multiplicidade podem ser conceitos antagônicos, mas ambos agem simultaneamente na condição humana, e como já foi abordado no princípio recursivo, também atuam um sobre o outro.

O paradigma da complexidade de Morin propõe, de modo geral, aplicar o princípio da reintrodução do conhecimento em todo o conhecimento, pois coloca em análise a produção de saber e o modo como o conhecimento é pensado. Não significa que o autor pretende negar ou apagar os conhecimentos que simplificam a realidade, mas repensá-los, introduzindo a ideia da provisoriabilidade das verdades científicas e de que o conhecimento científico por si só não pode explicar a totalidade complexa que é o mundo. Morin (2000) identifica a démarche da sua teoria:

A démarche consiste, ao contrário, num ir e vir constantes entre certezas e incertezas, entre o elementar e o global, entre o separável e o inseparável. Ela utiliza a lógica clássica e os princípios de identidade, de não-contradição, de dedução, de indução, mas conhece-lhes os limites e sabe que, em certos casos, deve-se transgredi-los. Não se trata, portanto, de abandonar os princípios de ordem, de separabilidade e de lógica - mas de integrá-los numa concepção mais rica. Não se trata de opor um holismo global vazio ao reducionismo mutilante. Trata-se de repor as partes na totalidade, de articular os princípios de ordem e de desordem, de separação e de união, de autonomia e de dependência, em dialógica (complementares, concorrentes e antagônicos) no universo. (MORIN, 2000, p. 35)

A partir desses princípios, analisaremos o conto procurando relacionar com conteúdo geográfico, utilizando os conceitos como referência para orientar a discussão com os sujeitos, vislumbrando assim um exercício do raciocínio geográfico. Ao criarmos a ponte entre os conceitos e as situações da narrativa, estaremos utilizando o pensamento complexo através de seus princípios, aplicando uma estratégia de interdisciplinaridade para produzir saber de maneira transgressora aos limites que o método científico moderno estabeleceu e que modelam a estrutura do currículo escolar até os dias de hoje.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Deixe o quarto como está: estudos para a composição do cansaço

O teor dos contos segue a lógica do título do livro. Quando o conto não traz a sensação e o peso do cansaço, ele traz a agonia da inércia. Os contos passam a intenção de um autor que procura provocar o leitor, pois as histórias trabalham com situações completamente irreais, sem a preocupação de explicar detalhadamente qual a mensagem que o conto quer passar, se é que exista apenas uma ou sequer o autor se proponha a passar uma mensagem concreta. A incerteza, portanto, é algo presente no livro do início ao fim. Neste sentido o paradigma da complexidade é muito adequado para a interpretação da obra, já que possui subsídios para trabalhar com a incerteza. Os contos se desenrolam em um terreno onde as verdades científicas são ignoradas e por quebrar com o realismo, os contos nos permitem transcender as impressões que temos do mundo e refletir sobre situações do nosso cotidiano através de uma perspectiva diferente. Sanseverino (2020) enxerga o livro se afastando da realidade para falar de indivíduos pós-modernos em desamparo:

O livro não trabalha com a ordem do realismo, rompe os nexos, provocando um grande afastamento da realidade. Ao mesmo tempo, fala de um sujeito da modernidade, ou da pós-modernidade, que não tem mais amparo para a produção de sentido. Nem da religião, nem de um explicar totalizante do mundo pela política. É um indivíduo em desamparo, em desconcerto (SANSEVERINO, 2020).

A conexão entre a ficção e a realidade está presente na carga simbólica que as figuras de linguagem carregam nas descrições contidas na ficção. Através delas, podemos fazer comparações e conexões com a realidade. Os contos transmitem bastante informação em poucas páginas e se aproveitam da bagagem de conhecimentos do próprio leitor que completará as páginas deixadas “em branco” pelo autor. Por serem contos curtos (a média é de 8 páginas por conto e o maior possui 13 páginas), não são cansativos e ajudam o leitor a manter o interesse, exercendo um papel ativo na interpretação da história, ao completar as lacunas de sentido que, propositalmente, faltam no texto. Nesse movimento que o leitor faz em construir junto a história para conseguir dar sentido a ela, faz com que inevitavelmente relacionemos o texto com a nossa realidade, onde a todo momento buscamos uma conexão para dar sentido à narrativa. “Ele nos demanda imaginar o que se desdobrou. O autor abdica de preencher as lacunas e explicar o



sentido da história. É o leitor que terá de fazer esse gesto interpretativo. E ele é bastante aberto” (SANSEVERINO, 2020).

Nesse movimento que o leitor faz em construir junto a história para conseguir dar sentido a ela, faz com que inevitavelmente relacionemos o texto com a nossa realidade onde a todo momento buscamos uma conexão para dar sentido à narrativa, dessa forma, conseguimos pensar a nossa própria realidade através de uma perspectiva impensada anteriormente. Dessa forma, conseguimos pensar a nossa própria realidade através de uma perspectiva impensada anteriormente. Entre todos os contos, o escolhido foi “A cura”, por abordar um tema assustadoramente atual.

A cura

A surpresa ao ler esse conto publicado em 2002, está no fato de que o autor criou uma situação que 18 anos depois iria realmente acontecer, como que se vivêssemos os anos de 2020 e 2021 em uma ficção. O conto inicia com o agradecimento do narrador ao “doutor” (profissional da saúde e sua equipe) que investiga a epidemia de um vírus que está assolando uma determinada localidade. Pela descrição, a localidade onde o narrador reside parece estar situada na periferia de uma cidade (apesar de o autor não definir isso), mas concluímos isso primeiramente pelo fato do narrador se referir a essa tal “cidade” com alteridade, dando a entender que eles não são uma, além da localidade onde ele reside possuir uma estrutura bem inferior. Além disso, por algum motivo não especificado, a cidade se responsabiliza pelos moradores dessa localidade, o que pressupõe uma centralidade da cidade e uma relação de dependência da localidade a ela. Relaciono essa descrição com a teoria dos lugares centrais de Christaller (1966), que afirma que uma cidade é referência para determinada região de acordo com sua estrutura e os serviços que ela disponibiliza, se constituindo como um lugar central onde as outras cidades dependeriam dessa cidade mais estruturada. Aí já encontramos um elemento de debate e de conexão com a geografia urbana, permitindo a discussão sobre a hierarquia urbana e os fatores que influenciam as diferenças de influência e centralidade entre as cidades.

Uma das coisas que motiva a admiração do narrador é a disponibilidade da equipe, já que para o narrador, enquanto poderiam estar em segurança e desfrutando do conforto da cidade, eles insistem em ir diariamente até a localidade infectada para continuar a pesquisa que busca a cura do vírus. O narrador ainda questiona o motivo de eles arriscarem a si e a seus familiares nessa missão:



No início achamos que seria mais sensato recolherem amostras, talvez levarem um de nós para ser estudado em laboratórios mais apropriados, mediante as prudências da assepsia. Mas aos poucos fomos entendendo (eles nos fizeram entender) que fora daqui o vírus talvez já seja outro vírus, outra coisa (BARBOSA, 2002, p.60).

O mais impressionante até aqui, é o fato do vírus respeitar os limites do território periférico e não invadir a cidade. Inclusive, mesmo que o vírus ultrapasse a fronteira, há o consenso de que ele não será o mesmo. De início há uma incerteza que gera um certo incômodo, pois a natureza biológica de um vírus ignora completamente o limite imaginário de uma fronteira. Entendemos, portanto, que o fato de um vírus estar condicionado a um limite simbólico, como a fronteira entre periferia e centro, seja uma metáfora para a diferença de um ambiente degradante para um ambiente próspero, produtos das relações humanas. Com isso, encontramos outra possibilidade de aproximação com o conteúdo geográfico, trazendo para discussão a desigualdade espacial presente no espaço, uma pergunta como: de que forma a desigualdade social se manifesta espacialmente na cidade e porque há uma tendência de que as regiões dentro de uma mesma cidade possuam características socioeconômicas comuns, sendo possível visualizar zonas bem definidas?

Para responder essa pergunta podemos utilizar autores como Corrêa (1989), que afirma que o espaço urbano é tanto um reflexo quanto um condicionante da estrutura socioeconômica da população que o habita. O autor ainda pontua que o espaço urbano é “um reflexo tanto de ações do presente como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente” (CORRÊA, 1989, p. 8).

O narrador, afirma que não se sabe o que aconteceu primeiro: “se foi o vírus que aqui se instalou e causou toda a degradação, ou se foi a degradação, a insalubridade do nosso meio que gerou o vírus” (BARBOSA, 2002, p.60). Os princípios do círculo recursivo e do círculo retroativo, ajudam a compreender esse “paradoxo”, já que tanto a degradação é produto do vírus, quanto o vírus é produto da degradação. Se fizermos uma analogia com a pobreza e a desigualdade social, há uma recursividade, onde a desigualdade ao mesmo tempo que produz a pobreza, é produto da mesma. Por exemplo: uma sociedade onde a desigualdade de poder entre as classes é bastante contundente, o espaço urbano também o será, materializado na segregação espacial entre essas diferentes classes, em que as classes mais poderosas desfrutam das melhores localizações e recursos, enquanto que as classes oprimidas, ocuparão as localidades mais insalubres. De maneira recursiva, a organização espacial contribuirá para a produção e manutenção da desigualdade socioeconômica, já que as dificuldades presentes nos espaços com



menor estrutura, mais distantes e marcados por estigmas sociais, servem como barreiras para a ascensão social. Outro exemplo dessa concepção circular (não linear) pode ser tirado do modo como o governo brasileiro está lidando com a pandemia pelo SARS-COV 2. Podemos entender que o vírus da COVID-19 é tanto a causa de o Brasil ser o segundo país com maior número de mortes, como o efeito da atuação governamental.

Voltando ao vírus da ficção, os sintomas que se manifestam nas pessoas infectadas também é outro ponto interessante, pois apesar de o vírus não atacar nenhum órgão do corpo, ele arrasa o corpo com um imenso cansaço que:

(...) nos casos mais graves é um cansaço que aniquila, que pesa nos ossos, que imobiliza o corpo até fazê-lo desabar. A degradação das nossas casas e ruas, o lixo, toda essa coisa inóspita que nos rodeia só vem aumentando com o cansaço. Mesmo o simples movimento de erguer a mão ou de abrir a boca para dizer uma palavra torna-se uma tarefa profundamente penosa; e o que acaba acontecendo é que nos deixamos ficar, deitamos numa cama, no chão ou mesmo na rua, e nos deixamos ficar (BARBOSA, 2002, p. 60).

Nesses casos mais graves, os infectados ficam atirados até que venha alguém para socorrê-los. O corpo continua funcionando normalmente e pode sobreviver à falta de alimentação durante meses. Esse é outro dado surpreendente, pois apesar do cansaço e da falta de alimentação, o corpo resiste por muito tempo. Esse ponto da resistência do corpo sem alimento, na minha interpretação, pode ser uma metáfora para duas situações: a primeira em relação a resistência à fome que a desigualdade promove naqueles que não tem acesso à alimentos e precisam se adaptar a essa realidade; a segunda é em relação a resistência que os mais pobres supostamente desenvolvem por enfrentarem situações perigosas e espaços mais insalubres. Essas duas situações podem ser discutidas em sala de aula, fomentando um debate interessante sobre a ideia de que a dificuldade fortalece, sem considerar o quanto essas dificuldades – como a fome, os riscos e as doenças provenientes de situações perigosas – prejudica e atinge a população mais pobre. “A Organização Mundial da Saúde estima que anualmente 15 mil pessoas morram e 350 mil sejam internadas no Brasil devido a doenças ligadas à precariedade do saneamento básico” (LEMOS, 2020).

Outro sintoma é a perda de memória. Após a febre e o cansaço, os estudos da equipe médica comprovam que a memória é afetada. Inicialmente o narrador comenta que as pessoas duvidaram dessa teoria, mas depois aceitaram que de fato estavam ficando esquecidos e que não poderiam confiar nas suas próprias lembranças. Não lembravam inclusive se já tinham sido algum bairro da cidade, apesar de haver uma memória coletiva muito forte de como era a cidade. O narrador questiona se essa memória coletiva não é de um tempo em que o território deles era



organizado e saudável, como o ambiente da cidade onde o vírus não atuava. “Será que houve um tempo antes do vírus? ” (BARBOSA,2002 p.61), afirma o narrador. Esse sintoma que acompanha o cansaço gerado pelo vírus, me parece a perda da memória coletiva – portanto da identidade que existia naquele território antes do vírus. Conforme aquelas pessoas se preocupavam apenas com a sobrevivência e tinham todo aquele cansaço para enfraquecer o corpo, as ideias começavam a ficar confusas, esqueciam palavras e fatos recentes, e nesse esquecimento, a memória coletiva desaparecia junto, dando espaço apenas à espera pela cura daquela doença que os libertaria. Penso que esse cansaço pode ser associado à velocidade do mundo globalizado associado ao sistema capitalista, que através das tecnologias avançadas, nos mantém em estado de alerta e produtividade praticamente o todo tempo. O uso das redes sociais, os algoritmos que informamos pela nossa atividade estão associados a um crescente mercado de dados e publicidade, que nos levam a absorver determinadas informações que influenciam na nossa própria identidade (ORLOWSKI, 2020).

Há a percepção de que eles morrem cada vez mais rápido, inclusive existe uma montanha de corpos no pátio do hospital, corpos que são descartados pelas janelas. O narrador comenta que no início existia um cuidado maior com o corpo dos falecidos. Eles incineravam, com o objetivo de não dissipar ainda mais o vírus. Mas devido ao crescimento das mortes, eles precisariam investir em uma infraestrutura que permitisse esse cuidado com os corpos, entretanto os doutores viam como muito gasto para uma obra que não daria um retorno direto.

O conflito entre economia e saúde pública é abordado pelo texto e nos faz refletir sobre a nossa própria situação durante a pandemia do COVID-19, em que há um esforço para se liberar as atividades o mais rápido possível com o discurso de que a economia precisa continuar funcionando, mesmo que se saiba que levará ao aumento da contaminação. Aqui percebe-se como a falta de conhecimento da noção de totalidade e complexidade que envolve nosso mundo, nubla a nossa visão sobre a realidade. Se pegarmos a economia (que é parte de um todo social) e considerarmos ela isoladamente, realmente chegaremos à conclusão de que as restrições resultarão em problemas como a falta de renda e o aumento da fome (de determinadas classes sociais). Entretanto, quando conectamos esse conhecimento a outros, enxergamos a economia como uma parte diretamente relacionada a outras dentro desse sistema maior que são as relações humanas, percebemos que a decisão de não restringir drasticamente as atividades intensifica o contágio e, conseqüentemente, as mortes. Além disso, não resolve os problemas econômicos, pois a economia só existe a partir das relações humanas, e para que ela exista, é imprescindível pessoas vivas. Portanto, a decisão pautada unicamente pelo viés econômico, acaba por resultar em danos econômicos muito mais graves, já que além dos custos para tratar



a massa contaminada, o tempo de restrição acaba se tornando maior do que seria se fosse executado um plano organizado de contenção do vírus. O conhecimento de biologia, por exemplo, é importantíssimo para balizar as decisões, pois, quanto maior a população contaminada, maior a probabilidade da mutação do vírus resultando em variantes mais resistentes, inclusive podendo originar variantes tão resistentes que as vacinas desenvolvidas não sejam mais eficazes. Isso mostra que além do descaso com a vida da população, a ignorância da complexidade e da dimensão da totalidade que envolve essa pandemia, prejudicam o próprio objetivo que as autoridades governamentais atuais afirmam ter: manter a economia em funcionamento.

De volta à narrativa, há o relato de chuvas torrenciais que assolam a cidade e associadas com o lixo e com os corpos, formam pequenos lagos fétidos que fazem da cidade um ambiente mais insalubre ainda. Aqui outra conexão pode ser feita com o conteúdo geográfico: o lixo como um problema de saúde urbana e todas as consequências que o não tratamento correto desse lixo gera nas grandes cidades. A transmissão de doenças e as inundações são bastante comuns na relação lixo e chuvas, principalmente em áreas onde não há uma estrutura de coleta e tratamento de lixo suficiente.

Para resolver a situação dos alagamentos, surge a ideia, por parte de um grupo de engenheiros da cidade, de canalizar essa água na forma de um rio. Esse rio é construído entre o território e a cidade, que serve ao mesmo tempo como solução para canalizar a água acumulada, facilita o transporte da cidade até a localidade através de barcos e ainda por cima isola o vírus, protegendo a cidade. Novamente o conceito de território pode ser abordado a partir da narrativa, já que há o interesse de segregar fisicamente aquela localidade da cidade. Um exemplo real de segregação está nas figuras dos condomínios fechados, a figura 1 traz uma foto bastante conhecida que ilustra bem a desigualdade delimitada por fronteiras físicas:



Figura 1: Imagem da diferença entre a favela de Paraísoópolis e o bairro Morumbi, em São paulo.



Fonte: (VIEIRA, 2004 in The Guardian, 2017).

O rio, da narrativa, foi então aberto e, segundo o narrador, foi crescendo e expandindo suas margens. Cresce tanto que dá a impressão de que está empurrando a localidade para longe da cidade, contudo, o rio é muito importante para os moradores porque transformou a paisagem, enchendo-os de esperança:

Ele fica no poente, o rio, e uma das imagens mais fortes e elevadas que temos por aqui é a de quando o sol se põe além dele, além ainda da cidade. Primeiro ela, a cidade, brilha como se fosse uma jóia prateada sob a luz incisiva do sol. É um brilho metálico e vigoroso, que lembra uma máquina de aço polido em perfeito e constante funcionamento. Depois vai se tornando dourada, espécie de urna desabotoada que se prepara para agasalhar o sol em seu útero morno. E é justo nesse momento — que, sem exagero, chamamos de sublime — que o barco do doutor e sua equipe parte de volta à cidade. E o que parece impossível acontece: a paisagem, completada pelo barco, torna-se ainda mais tocante (BARBOSA, 2002, p.63).

O relato da paisagem serve justamente para pontuar esse conceito para a Geografia. A forma como ele descreve a paisagem e toda o sentimento que essa contemplação gera, estão de acordo com a subjetividade com a qual esse conceito está relacionado para Berque (1984), para quem a paisagem possui as características de marca e matriz: marca porque ela é a materialização de uma sociedade e matriz porque ela também influencia na constituição de sociedades.

O olhar, a experiência, as estéticas, além das reproduções sociais, fazem parte da concepção da paisagem, que não será interpretada da mesma forma por sujeitos com vivências diferentes, evidenciando o caráter cultural da paisagem e não só o descritivo.

O modo como conto termina, enfatizando a esperança dos moradores da localidade, que os doutores encontrarão a cura do vírus que degradou a localidade, reforça a dependência da localidade em relação à cidade, como já foi comentado anteriormente.



Proposta pedagógica

A proposta sugerida é embasada pela BNCC (BRASIL, 2017), que sustenta que “para fazer a leitura do mundo em que vivem, com base nas aprendizagens em Geografia, os alunos precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico” (BRASIL, 2017, p.357). Castellar (2019), trata esse raciocínio o modo de pensar a realidade a partir dos princípios, conceitos e categorias que a Geografia utiliza para ler o mundo, levando sempre em consideração a localização e distribuição dos elementos na superfície terrestre. Cavalcanti (2011) afirma que para o desenvolvimento de tal raciocínio é fundamental para que o sujeito encontre sentido nos temas abordados em sala de aula ao relacioná-los com a sua vivência. Além disso, a autora reforça a importância do domínio de conceitos geográficos que sustentarão o seu raciocínio em sala de aula, permitindo o uso dos conhecimentos geográficos em situações do cotidiano.

A proposta pedagógica que desenvolvemos nesse trabalho objetiva trabalhar o raciocínio geográfico e os conceitos utilizados pela Geografia. Identificamos no texto a presença muito forte de elementos relacionados diretamente ao conceito de território. Aproveitando o estranho fenômeno do vírus do contágio respeitar uma demarcação humana, pretendemos reforçar e ampliar a noção do conceito de território, que tem como característica essencial a relação de poder em uma porção delimitada do espaço (RAFFESTIN, 1993).

A proposta é pensada para uma turma do 8º ano do ensino fundamental e é estruturada em cima das competências e habilidades estabelecidas pela BNCC (BRASIL, 2017). A atividade objetiva desenvolver a competência número 3 da área de geografia: “desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem” (BRASIL, 2017). Para isso, durante a abordagem serão desenvolvidas as habilidades que contribuirão para o desenvolvimento dessa competência. A abordagem se dará em 3 momentos que compreendem respectivamente a apresentação do texto, a discussão e a avaliação:



Figura 01: Quadro com a organização da proposta pedagógica por períodos

1º período: Apresentação				
Habilidades: (EF08GE16) : Analisar as principais problemáticas comuns às grandes cidades latino-americanas, particularmente aquelas relacionadas à distribuição, estrutura e dinâmica da população e às condições de vida e trabalho. (EF08GE17) : Analisar a segregação socioespacial em ambientes urbanos da América Latina, com atenção especial ao estudo de favelas, alagados e zona de riscos.				
	O que fazer?	Como fazer?	Por quê?	Em quanto tempo?
1º momento	Apresentação da proposta e resumo do conto. (Pode ser decidido a leitura do conto completo.)	Distribuir o conto impresso e contar a história de uma maneira interessante.	Para conhecerem história.	25 minutos
2º momento	Conversa sobre o conto, identificando o que o autor quis abordar.	Discussão com anotação no quadro dos principais pontos.	Para saber o que eles absorveram do conto.	20 minutos
2º período: discussão				
Habilidades: (EF08GE05) : Aplicar os conceitos de Estado, nação, território, governo e país para o entendimento de conflitos e tensões na contemporaneidade, com destaque para as situações geopolíticas na América e na África e suas múltiplas regionalizações a partir do pós-guerra. (EF08GE16) : Analisar as principais problemáticas comuns às grandes cidades latino-americanas, particularmente aquelas relacionadas à distribuição, estrutura e dinâmica da população e às condições de vida e trabalho. (EF08GE17) : Analisar a segregação socioespacial em ambientes urbanos da América Latina, com atenção especial ao estudo de favelas, alagados e zona de riscos.				
	O que fazer?	Como fazer?	Por quê?	Em quanto tempo?
1º momento	Abordagem do conceito de território. Trazendo exemplos do cotidiano.	Exposição dialogada.	Para estabelecer a referência utilizada para pensar o território.	15 minutos
2º momento	Leitura e discussão de trechos do conto relacionados à fronteira da localidade.	Pedir para os alunos lerem os trechos selecionados. Pedir exemplos de situações reais análogas a da história.	Para aprofundar a discussão procurando estabelecer conexão com a vivência dos alunos.	30 minutos
3º período: atividade avaliativa				
Habilidades: (EF08GE05) : Aplicar os conceitos de Estado, nação, território, governo e país para o entendimento de conflitos e tensões na contemporaneidade, com destaque para as situações geopolíticas na América e na África e suas múltiplas regionalizações a partir do pós-guerra. (EF08GE16) : Analisar as principais problemáticas comuns às grandes cidades latino-americanas, particularmente aquelas relacionadas à distribuição, estrutura e dinâmica da população e às condições de vida e trabalho. (EF08GE17) : Analisar a segregação socioespacial em ambientes urbanos da América Latina, com atenção especial ao estudo de favelas, alagados e zona de riscos.				



	O que fazer?	Como fazer?	Por quê?	Em quanto tempo?
1º momento	Será distribuído um questionário. No final do questionário será solicitada uma solução para o problema do vírus.	Individual com consulta.	Para avaliar o entendimento do tema e exercitar a resolução de problemas.	20 minutos
2º momento	Leitura e discussão das propostas apresentadas no questionário, propondo um consenso ou um plano de ação coletivo.	Pedir para os alunos lerem suas propostas. Discussão e planejamento de um plano de ação de forma coletiva.	Para aprofundar a discussão procurando estabelecer conexão com a vivência dos alunos.	25 minutos

Produzido pelo autor.

A avaliação consistirá em quatro perguntas e uma proposta de solução para o problema do vírus trazido pela obra:

1. Cite um exemplo de território nas escalas local e global:
2. Identificar 1 semelhança e 1 diferença entre os 2 exemplos:
3. Existe algum território que tu não tenhas o poder de entrar? Explique o motivo
4. O conto pode ser utilizado para ilustrar a desigualdade social, tratando a mesma como um vírus que afeta apenas algumas pessoas, respeitando marcações humanas. Cite uma situação onde uma pessoa seja proibida de entrar em algum local por causa da sua condição econômica ou social:
5. Proponha uma solução para a situação da localidade narrada na obra.

A abordagem se baseia no processo de analogia do fenômeno narrado pela obra com fenômenos reais, de acordo com a competência que se propõe a desenvolver. As habilidades seguem uma linha progressiva iniciando com a percepção de fenômenos de desigualdade socioespacial a partir do texto e depois aplicando o conceito de território. Há na abordagem o incentivo de se pensar o território e as desigualdades tanto na escala do local quanto do global, identificando como um se apresenta no outro, de acordo com o princípio hologramático de Morin (2000). O princípio dialógico deve aparecer constantemente, pela importância de se tratar o espaço como algo complexo, cheio de contradições e diferenças que transcendem a visão de que noções contraditórias não podem estar associadas a um mesmo fenômeno. Da mesma forma, o princípio da circularidade recursiva se manifesta na ampliação da visão dos processos de causa-efeito, que são complexos e não seguem a linearidade que estamos acostumados a conceber os fenômenos.



Por fim será separado um momento de conversa com os alunos sobre sua avaliação da atividade e do quanto aprenderam, cumprindo a terceira fase da lógica de autorregulação do conhecimento, a autorreflexão do aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler, analisar e refletir sobre essa história - a partir de uma perspectiva geográfica - foi um exercício que considero bastante significativo e possível de ser resumidos em três dimensões: permitiu minha reflexão sobre a realidade atual em que estamos inseridos – apesar dos quase 20 anos que separam a escrita do livro e o dia de hoje – em uma perspectiva geográfica, analisando espectros diferentes da realidade a partir do raciocínio e conceitos geográficos; estimulou meu cuidado com as questões teóricas e metodológicas da pesquisa entre Geografia e Literatura e toda a complexidade que atravessa esse diálogo; oportunizou associar esse conhecimento à sala de aula, refletindo sobre maneiras que potencializem o raciocínio geográfico de diversos sujeitos.

Portanto, entendo que esse trabalho além de permitir um ganho pessoal no que envolve minha pesquisa, também contribui para a produção acadêmica entre Geografia e Literatura, servindo como um trabalho que pode somar ao discutir questões teóricas, metodológicas e de aplicação no ensino.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Amílcar Bettega. **Deixe o quarto como está**: estudos para a composição do cansaço. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Ed. UERJ, Rio de Janeiro, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília, 2017 . Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 04/04/2020.

CASTELLAR, S. V. Raciocínio Geográfico e a teoria do reconhecimento na formação do professor. **Signos Geográficos**, Goiânia-GO, V.1, 2019.



CAVALCANTI, Lana de Souza. **Ensinar geografia para a autonomia do pensamento: o desafio de superar dualismos pelo pensamento teórico crítico.** Revista da ANPEGE, v. 7, n. 1, número especial, p. 193-203, out. 2011.

CHRISTALLER, W. **Central places in Southern Germany.** New Jersey: Prentice Hall, 1966.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** São Paulo: Ed. Ática, 1989.

CRAVIDÃO, Fernanda D.; MARQUES, Marco. **Literatura e Geografia: outras viagens, outros territórios.** Emigrantes de Ferreira Castro. Cadernos de Geografia. Coimbra, n.19, p. 37-47, 2000.

FERRAZ, Cláudio Benito; CHAVEIRO, Eguimar Felício; NUNES, Flaviana Gasparotti; SUZUKI, Júlio César. Geografias, imagens e literaturas: diálogos possíveis. **Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege).** P. 309-330, V.12, n.18, especial GT Anpege 2016.

FRISON, L. Autorregulação da aprendizagem: abordagens e desafios para as práticas de ensino em contextos educativos. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v.21, n.1, p.1-17, 2016.

GOMES, Paulo César da Costa. Cenários para a Geografia: sobre a espacialidade das imagens e suas representações. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço e Cultura: pluralidade temática.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008. p.187-209.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. **O território em tempos de globalização.** Etc, espaço, tempo e crítica - Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas - n° 2 (4), vol. 1, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 2007.

KOZEL, S. Representação e ensino: aguçando o olhar geográfico para os aspectos didáticos pedagógicos. In: SERPA, A., org. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações.** Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 69-89.

LEMOS, Simone. Dados da ONU mostram que 15 mil pessoas morrem por doenças ligadas à falta de saneamento. **Jornal da USP.** 21/07/2020. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/?p=339384>>. Acessado em 13/04/2021.

MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia Rio Claro**, v34, n.3, p.487-508, set/dez.2009.



MORAES, Maristela Maria de; CALLAI, Helena Copetti. As possibilidades entre literatura e geografia. **XIV seminário internacional de educação do Mercosul**. 2012.

MORAIS, Jéferson Soares. **Capitães da areia, marujos do espaço**: uma aproximação entre Geografia e Literatura através da obra de Jorge Amado. Trabalho de conclusão (graduação), UFRGS, Porto Alegre, 2021. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001124697&loc=2021&l=38ed5c50be26ef43>>.

MOREIRA, Ruy. História. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. 1ª ed. São Paulo, Contexto, 2008.

MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Org.). **Para navegar no século XXI**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2000d. p. 19-42.

ORLOWSKI, Jeff. **The social dilemma** (O dilema das redes). Netflix. 2020. Disponível em: <<https://www.netflix.com/title/81254224>>. Acessado em: 05/04/2021.

RAFFESTIN, Claude. **Por Uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANSEVERINO, Antonio. À espera de um sentido que não chega em Amilcar Bettega. Entrevista concedida à Anna Ortega. **Jornal da Universidade**, UFRGS. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/jornal/a-espera-de-um-sentido-que-nao-chega-em-amilcar-bettega/>>. Acesso em: 25/11/2020.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª. ed. 2ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SUERTEGARAY, Maíra. Geografia e leitura literária na escola: representatividade, identidade e empoderamento. **Revista ensino de Geografia**. Vol. 11, n. 21, jul./dez. 2020.

VIEIRA, Tuca. Paraisópolis. In: **The guardian**. 29/11/2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/cities/2017/nov/29/sao-paulo-tuca-vieira-photograph-paraisopolis-portuguese>. Acesso em: 13/04/2021.